

## SECA NA MOAMBA: A represa que inquieta Damo

Evelina Muchanga, 19 Fevereiro 2016



A ÚNICA fonte de água que abastece a localidade de Damo, no distrito da Moamba, província de Maputo, está quase a secar, sendo que para obter aquele recurso requer-se sacrifício. As mulheres saem das suas casas às 3.00 horas da manhã, fazem fila no fontanário para conseguirem alguns litros ao fim de três a oito horas de espera.

Enquanto a fila anda algumas abandonam o local e voltam às suas casas para realizar outras tarefas domésticas. Outras vão à mata tirar lenha para o seu próprio uso ou para venda. Mas há quem prefere aguardar lá para que não perca a vez.

Há dias encontrámos Natalina Machel sentada num bidão de 20 litros vazio, debaixo de um sol intenso. Os termómetros indicavam 32 graus celsius (previsão do Instituto Nacional de Meteorologia do dia 9 de Fevereiro de 2016). Tinha deixado na fila três vasilhas de 20 litros cada às cinco horas da manhã, mas quando regressou ao fontanário, por volta das 13.00 horas, ainda não tinha chegado a sua vez.

Com duas catanas nas mãos, Natalina conta que voltava da machamba, onde tinha ido tirar lenha para a venda e outra para o uso doméstico. Indignada, por não ter água para levar para casa, a mulher pergunta às outras quem terá afastado os seus recipientes.

Numa breve troca de palavras, elas chegaram à conclusão de que ninguém afastou as suas vasilhas. O problema é que havia momentos em que a água parava de sair e, por isso, mais tempo de espera.

“Este é o exercício que fazemos quase que todos os dias. Esperar para a água brotar e pouco a pouco ir tirando do poço com ajuda de um balde amarrado a uma corda ou usar a alavanca manual para puxar a água”, lamentou Amélia Lucas, 19 anos.

Na casa de Amélia vivem 13 pessoas. Diariamente necessitam de pelo menos 200 litros de água, o que por vezes não é possível a partir do único poço que alimenta cerca de 300 famílias daquela localidade.

Para minimizar o problema algumas famílias com posses financeiras recorrem ao município da Matola ou a fornecedores privados, que vendem 20 litros de água a 10,00 meticais. Para a maioria da população o valor é alto, tendo em conta as necessidades de cada.

“Conseguir água está cada vez mais difícil aqui no Damo. Muitas vezes somos obrigadas a reservar um dia só para tirar água”, sublinhou Atália Malule, 26 anos.

### **A GÉNESE DO PROBLEMA**



A ESCASSEZ de chuva que se regista na zona sul do país, com mais incidência nas províncias de Maputo e Gaza, tem causado a carência de água, sobretudo para a população que depende de fontes naturais, como a da localidade de Damo.

Contudo, há uma particularidade no Damo. A população conta que a represa natural era a salvação para todas as famílias, mesmo no tempo seco. É onde todos, incluindo os residentes das proximidades, tiravam a água, até que um dia a Administração Regional das Águas do Sul

(ARA-Sul) resolveu aumentar a profundidade da represa para garantir uma maior retenção do precioso líquido.

Num trabalho que se esperava que resolvesse o problema da falta de água para os residentes daquela localidade tornou-se num problema para a população. O empreiteiro seleccionado por aquela instituição entendeu colocar terra numa das partes da represa, alegadamente para permitir que as pás escavadoras entrassem no dique para realizar os trabalhos.

“O trabalho não deu certo. Nós (população) advertimos a ARA-Sul que ali não era o lugar certo para escavar. Sugerimos que o fizesse num local próximo e que nos deixasse com a represa natural, tal como estava. Não quiseram nos ouvir. Colocaram areia na água. Hoje estamos sem água, nem da represa natural, nem do resultado do trabalho que dizem ter feito”, queixou-se Magwaza Machel, líder comunitário de Damo.

Os residentes de Damo contam que vivem dias difíceis desde o ano passado. Há famílias que se queixam de ter perdido gado na represa a tentar beber água.

“O gado fica entalado na lama a tentar beber água. Desde que isto começou perdemos mais de 30 cabeças de gado bovino”, lamentou Armando Lamule.

O problema da falta de água afecta também a escola das crianças. Algumas perdem aulas no fontanário. Navia Alberto, nove anos, é uma das meninas nessa situação. “Estudo à tarde. Há dias que atraso às aulas à procura de água. Somos três meninas em casa e todas temos de ajudar a mamã na busca de água”, disse a pequena.

Os residentes de Damo dizem não entender como é que as estruturas governamentais locais aceitaram receber a represa naquelas condições. “Não nos beneficia em nada, só aumenta o nosso sofrimento”, queixou-se Lamule.

## **ENTREGA PROVISÓRIA**



EZALDO Francisco, chefe do posto administrativo de Pessene, reconhece que os trabalhos realizados pela ARA-Sul não tiveram o resultado esperado. Explicou que se pretendia aumentar a profundidade da represa para permitir uma maior retenção da água. “Como vê, está cheio de areia na represa porque a tentativa deles (ARA-Sul) era de colocá-la para permitir que as máquinas entrassem para escavar. Contudo, como havia muita água, não foi possível e deixaram para voltar no tempo seco para escavar”, justificou.

Acrescentou que a esperança da população é que sejam feitos trabalhos neste tempo seco para chegar a altura da chuva enquanto a represa já está limpa. “Já comunicámos à ARA-Sul e já estiveram cá há duas semanas. Fizeram as fotos e contactaram o empreiteiro. A ARA-Sul diz que a entrega da obra foi provisória”, disse Ezaldo.

Entretanto, lá vão meses que a população de Damo espera ver o problema resolvido.

São cerca de 300 famílias que dependem da represa para vários fins. Na extremidade foi montada uma bomba para facilitar a retirada da água, mas porque o dique está a secar já não jorra sequer uma gota. A única alternativa é o poço, também alimentado pela represa, onde ainda é possível conseguir algum líquido.

“Nestas condições a população sofre, o mesmo acontecendo com o gado. Todos os residentes de Damo e das proximidades dependem daquela infra-estrutura para sobreviver. É lá onde lavam a roupa e tiram a água para o consumo e para outros fins. Para o gado os pastores

aproveitam a água de um areeiro, mas a população não tem como. Está difícil”, reconheceu o chefe do posto.

A referida obra custou mais de 6 milhões e seiscentos mil meticais, conforme se pode ler na placa que identifica o projecto.

### **O EMPREITEIRO VAI CORRIGIR**



SOLICITADO a se pronunciar acerca das queixas da população, Calisto Mabote, director da Unidade de Gestão da Bacia do Incomáti, fez saber que o empreiteiro foi dado um prazo de um ano para corrigir qualquer problema que a população detectar no local.

“O empreiteiro ainda está dentro do prazo que lhe foi concedido para corrigir o problema”, sublinhou Mabote.

Ele disse que actualmente a represa tem uma maior capacidade de armazenamento de água que não a teria se não tivesse sido feito aquele trabalho e hoje a população não teria a água que tem.

Explicou que se seleccionou um empreiteiro e os trabalhos iniciaram em Março de 2013. Contudo, devido às enxurradas as actividades ficaram suspensas, tendo sido retomadas em 2015.

“Nessa altura a represa tinha muita areia. O trabalho foi de que se deveria remover a areia a uma medida de um metro e meio de profundidade. Esse trabalho o empreiteiro fez. Houve

enxurradas em 2013 e ficou difícil trabalhar dentro da albufeira, porque estava cheia de água”, disse.

Retomados os trabalhos no ano passado, segundo Mabote, o empreiteiro dividiu a represa em duas partes. Tirou a areia de um lado e colocou noutra parte para poder trabalhar.

“Como a represa continuava cheia de água não foi possível o empreiteiro remover toda a areia até à base. Nos finais do ano passado nós fizemos a entrega provisória da represa, com a garantia de que num período de um ano o empreiteiro deveria corrigir qualquer problema que a população registasse no local.

Alegou que caso o empreiteiro não cumpra com o estabelecido a ARA-Sul está no direito de contratar outro empreiteiro para corrigir o problema. “Não íamos investir mais de seis milhões de meticais para piorar a situação da população. O dinheiro ainda está connosco, caso o empreiteiro não faça o trabalho contrataremos um outro”.

## **UMA LUZ NO FUNDO DO TÚNEL**



A POPULAÇÃO da localidade de Damo, posto administrativo de Pessene, Moamba, província de Maputo, queixa-se ainda da falta de energia eléctrica. Contudo, agradece a moçambicana Gilda Monjane por ter levado àquele ponto do país o projecto de electrificação rural com base em energias renováveis.

Há dias o Ministro britânico do Desenvolvimento Internacional para África, Nick Hurd, visitou aquela localidade. Inteirou-se do projecto de electrificação que tem como base a iluminação das casas através de painéis solares e a formação de mulheres para que saibam montar e fazer a manutenção dos equipamentos.

Os residentes contaram como é que aquela alternativa tem mudado as suas vidas. Alguns se recordaram dos tempos que viram as casas dos vizinhos queimarem devido ao uso de velas ou candeeiro a petróleo. Outros contaram que usavam a lenha para iluminar no interior das residências enquanto jantavam.

“Foram tempos difíceis. Era difícil fazer chegar o petróleo às nossas casas. Os transportadores públicos queixavam-se do cheiro do líquido que tínhamos que levar connosco. Hoje estamos felizes, mas gostaríamos de ter mais apoios para conseguir electrodomésticos e uma bomba de água que funcionem à base de energia solar”, disse Magwaza Machel.

Numa breve interacção com os residentes, o governante britânico explicou que visitou aquela população para ver como é que pode ajudar na electrificação rural e no abastecimento de água.

De salientar que Nick Hurd antes de ir a Damo manteve encontro com o Presidente da República e responsáveis de várias áreas da vida política e económica do país, tendo a parceria na área de energia solar sido um dos destaques.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/primeiro-plano>